RESENHA

SANTOS, Patrícia Teixeira. *Fé, guerra e escravidão: uma história da conquista colonial do Sudão (1881-1898)*. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013, 320p.

Thiago Henrique Sampaio[*]
Mestrando em História
UNESP / Assis

● **Enviado em: 15/10/2017**
● **Aprovado em: 22/12/2017**

Ao acompanharmos o panorama de conflitos religiosos existentes no continente africano, vemos essas disputas como resultado da descolonização, mas esquecemos que esses problemas estavam postos desde o colonialismo de Oitocentos. A obra *Fé, guerra e escravidão* é fruto dessa indagação.

A obra escrita por Patrícia Teixeira Santos, professora de História da África da UNIFESP, é resultado de sua tese de doutoramento realizada na Universidade Federal Fluminense (UFF), entre os anos de 2001 e 2005, com acréscimos de dados e informações desenvolvidos pela historiadora ao longo de suas pesquisas nos últimos anos. O livro é dividido em quatro capítulos e conclusão.

O escrito conta com orelha de livro feita por Jaime Rodrigues (UNIFESP), apresentação de Lorenzo Macagno (UFPR), prefácio de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (UFF) e contracapa de Krishna Mendes Monteiro, diplomata que serviu na Embaixada do Brasil no Sudão. Eles defendem a importância impar da obra para a estimulação das pesquisas na área

[*] Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Assis), graduado em História (2011-2014) e graduando em Letras (2015) pela mesma instituição. Desenvolveu pesquisa de Iniciação Científica com Bolsa FAPESP sob orientação do Dr. Paulo Cesar Gonçalves, na área de História Contemporânea, História Econômica e História da África, onde trabalhei o projeto "A política colonial portuguesa e a ocupação de Moçambique (1890 – 1910";. Atualmente estou desenvolvendo o seguinte projeto em nível de mestrado: "Portugal em África: continuidade e rupturas na colonização de Moçambique (1875 - 1926)". Sou membro do Núcleo de História Econômica da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Assis) e faço parte dos grupos de pesquisas Religiões e Trajetórias das Experiências Missionárias em África: Arquivos, Acervos e Pesquisas sediado na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (UNIFESP), Núcleo de História da África Contemporânea (UNIFESP) e Economia e Política dos Impérios Ibéricos (sécs. XV-XX) da Cátedra Jaime Cortesão (FFLCH/USP). Faço parte da equipe gestora do GT Estadual de História da África (ANPUH/SP), nos anos de 2016-2018, exercendo a função de Segundo Secretário. Trabalho com os temas de colonialismo, imperialismo, neocolonialismo, discurso político e colonial.

de Estudos Africanos pois envolve relatos e cartas de missionários que atuaram no contexto; busca reflexões originais e instigantes sobre escravidão, messianismo e colonialismo; e incentiva outros autores a escrever na língua portuguesa sobre as múltiplas espacialidades e temporalidades da África.

Em sua introdução, a autora esclarece seus objetos que são analisar as visões construídas sobre o Estado Islâmico criado no Sudão, a Mahdiyya (1881-1899), e as orientações missionários da Igreja na África.

No primeiro capítulo, *Terra de Riqueza e Disputas: o Sudão no século XIX*, foi apresentada a situação política e religiosa do Sudão, após a conquista egípcia (1840), mostrando um "subimperialismo" existente nesta relação.

A ação do Egito fez a intelectualidade do país criar um discurso nacionalista buscando as diferenças existentes entre sudaneses e egípcios do ponto de vista "racial". Foi empregada ao longo da conquista egípcia no território uma agricultura de larga escala na qual trabalharam mão de obra de diferentes partes e escravos.

O islamismo era outra religião presente nas regiões meridionais no Sudão. Havia práticas sufistas que eram entraves para os conquistadores e missionários no território sudanês. Os missionários católicos buscaram reorganizar estratégias e construção de colônias antiescravistas frente aos faqih[1] que atuavam no interior buscando uma reestruturação social e econômica dos povos da localidade.

No capítulo seguinte, *Missionários, cristãos do Sudão e muçulmanos: fascínio, disputa e a conquista espiritual da África*, a historiadora apresentou o sentido martirológico exaltado nos escritos sobre os Missionários Combonianos do Coração de Jesus (MCCJ) que atuaram no Sudão durante a Mahdiyya.

Os religiosos acreditavam em uma continuidade histórica das missões desde os anos de 1840 à 1880 que buscavam alternativas de evangelização que envolvessem populações islâmicas e animistas dos territórios sudaneses.

Na década de 1880, ocorreu um movimento interno na Igreja para o desenvolvimento de melhores mecanismos de uma ação catolicista em povos não europeus. Assim, criasse uma perspectiva de criação de cleros nativos e de Igrejas locais profundamente ligadas aos processos missionários. Entretanto, o mahdi e seu Estado Islâmico mudou completamente os rumos das missões no território do Sudão. O mahdi seria um profeta, segundo a escatologia islâmica, que viria antes da chegada do juízo final.

[1] Um especialista no direito islâmico.

Em seu terceiro capítulo, *Missionários e Muçulmanos no Estado Mahdista*, a pesquisadora analisou a complexa relação entre cristãos e islâmicos dentro do Sudão Mahdista e a historiografia sobre esse fato.

Muhammad Almad, o mahdi, foi apresentado, ao longo da historiografia tradicional, como um devoto ressentido da dominação europeia no Sudão e contrário as inovações trazidas pelo Ocidente a África. A Mahdiyya, movimento liderado por ele, foi um grande processo de deslocamentos populacionais em sua órbita de influência para a criação de um primeiro Estado muçulmano.

A historiografia vê a intervenção inglesa em final de Oitocentos, como um processo de salvação dos missionários que atuavam nas localidades e a ineficácia da administração egípcia sobre o Sudão. Desta forma, a Mahdiyya foi ligada ao processo de más gestões egípcias no território sudanês e a "complacência" britânica marcaram a produção histórica até a década de 1960.

Nos anos de 1960, com a abertura de arquivos no Egito e Sudão, como cartas do mahdi deram novas percepções sobre a Mahdiyya. Em 1954, com a independência do Sudão e os diversos conflitos entre sul e norte passaram a influenciar nas interpretações que os pesquisadores tiveram deste movimento.

A relação entre os cristãos e muçulmanos é elencado ao longo do capítulo, buscando tratar a disciplinarização dos corpos empregadas pelas políticas islâmicas na localidade para os judeus, negros e cristãos convertidos. Ocorreram intervenções nos costumes, hábitos de comportamento e incentivos ao trabalho para as populações que não a realizavam.

Os missionários traduziram notícias que vinham da Europa e correspondência ao mahdi, explicando as reações sobre o movimento no continente europeu. Em 1885, com a morte do líder religioso, lutas internas no Estado Mahdista se iniciam e o tratamento com os religiosos se altera.

No último capítulo, *A reorientação missionária e o confronto com os mahdistas: crise e reestruturação*, Patrícia Santos analisa o aprisionamento dos missionários, as transformações do projeto cristão em África e o fim do Estado Mahdista.

Em 1898, com o declínio da Mahdiyya e a dominação britânica sobre o território sudanês, fizeram com que a Igreja desempenhasse um papel de mediação entre o público europeu e a experiência histórica vivida no período mahdista.

Entretanto, a Mahdiyya deixou um legado político ao Sudão, suas estruturas foram a base para a colonização e administração da localidade. Na década de 1950, a historiografia

começou a analisar a Mahdiyya como o primeiro grande movimento de libertação nacional em África.

Em suas considerações finais, Patrícia Santos entende que o Sudão foi um espaço de construção das relações entre cristãos e muçulmanos durantes as décadas de 1840 a 1890. Além disso, o Estado Mahdista é visto como algo singular, pela imposição de controle de corpos a sua população.

Com uma escrita agradável e uma análise única, Patrícia Santos na obra *Fé, Guerra e Escravidão* faz o leitor refletir sobre as possibilidades de contatos religiosos existente no continente africano, mostrando relações complexas e heterogêneas, usando o Sudão como objeto de estudo.